

O TEMPO PASSA VOANDO QUANDO NÃO ESTAMOS NA ESCOLA: FAZER ARTE, PENSAR EDUCAÇÃO

Alessandra Baldissarelli Bremm

Resumo

Neste artigo, articulo questões emergentes de um cotidiano sinuoso como professora de Arte do ensino público, com trabalhos artísticos criados a partir de uma vontade de buscar novas formas de pensar a educação. O trabalho docente é atravessado pela prática cotidiana de um novo olhar sobre a escola, partindo da experiência em outro espaço educativo, o museu. Com referenciais como Foucault e Nietzsche, são propostas algumas questões que emergem desse exercício de pensar com arte esse universo de possibilidades que é o processo educativo. Através de processos artísticos, alguns aspectos da relação do aluno com a arte e com a escola são problematizados de forma a tornar visíveis situações que denotam a necessidade de pensar a escola de outra forma no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: arte, educação, escola.

O TEMPO PASSA VOANDO QUANDO NÃO ESTAMOS NA ESCOLA: FAZER ARTE, PENSAR EDUCAÇÃO

Nos quatro anos em que trabalhei como professora de Arte, em uma rede pública de ensino do interior do estado do RS, não houve um só dia em que não pensasse em questões que emergiam na escola. Eu sentia necessidade de investigar as relações, dinâmicas e movimentos da escola que ecoavam em minha prática docente e também na aprendizagem dos meus alunos. Para mim não havia como percorrer os corredores da escola todos os dias sem me sentir tocada por todo aquele universo de possibilidades, inquietudes, ruídos e movimentos que pulsavam ali, ora me fazendo vibrar de alegria, ora frustrando meus dias.

Hoje, após desconstruir pretensões iluministas, de libertação da consciência como verdade a ser alcançada por todos (e principalmente, os meus alunos), percebo que a abordagem e a fundamentação de tais crenças é que estavam, de certa forma, contribuindo para os vários momentos de frustração que vivi na escola. Um texto de Veiga- Neto tirou o peso dos meus ombros, fazendo-me perceber que “a culpa” não está somente em mim, como professora, mas sobre os ideais modernistas construídos e difundidos indiretamente por muito tempo em nosso meio: “Em outras palavras, nossa sensação de melancolia e fracasso decorre muito mais do diferencial entre o mundo que temos pra viver e os ideais que sobre ele a modernidade construiu, do que o mundo por si mesmo” (VEIGA-NETO, 2004, p. 46).

Ainda que eu tenha esclarecido um dos motivos desse “mal estar” da escola, os desafios e problemas cotidianos continuam lá, como se “desencaixada” com a contemporaneidade. Ao propor o pensar sobre o desencaixe como forma de existência da escola contemporânea, Clarice Traversini (2011, p. 01) traz algumas questões com as quais me identifico: “Estará a escola contemporânea “desencaixada”, em descompasso com os tempos atuais? [...] A escola e os professores estariam desenvolvendo currículos inadequados ou obsoletos para o sujeito-estudante pós-moderno?”. Ao tentar responder essas perguntas a autora analisa as ideias de vários autores (dentre eles Foucault) que ajudam a pensar sobre as relações entre a escola e o seu tempo. A partir da minha experiência em sala de aula não tenho dúvidas de que o desencaixe existe e que ele, em si permite perceber que é necessário problematizar essa existência. A escola continua a mesma, mas abraçou funções que não eram consideradas relativas a ela em outros tempos.

Em meio a esses tensionamentos que afetavam diretamente meu cotidiano, encontrei nos processos artísticos uma forma de problematizar e pensar de outra forma sobre as questões que emergiam das relações escolares. Neste texto, apresento cinco trabalhos artísticos sobre educação (ou, dito de outro modo, cinco modos de pensar sobre a educação) articulando-os com autores que me ajudam a pensar não em um encaixe, mas para a criação de novas formas de olhar para a escola, para a educação, como enfatiza Traversini no final de seu texto: [...] destaco que pesquisar *com* e não *sobre* a escola pode ser uma rica oportunidade para exercitar a hipercrítica e construir outras formas de docência, para produzir outras “caixas”, outras listas, outros modos de vida no espaço escolar (TRAVERSINI, 2011, p.12).

A partir de registros escritos e fotográficos de situações vivenciadas durante o processo educativo, criei trabalhos que me fizeram pensar melhor as relações entre verdade e criação em arte e educação na escola e no museu¹. Os estudos de Foucault e Nietzsche (e seus interlocutores) ajudam a fundamentar e a analisar de maneira mais densa essa necessidade de, tendo a arte como plataforma², pensar a educação como produção de pensamento, como criação de uma nova estética da existência (FOUCAULT, 2004).

Ao revisitar meus últimos trabalhos artísticos, reconheci neles uma vontade de inventar novas interfaces entre a arte e a educação. Uma vontade que sempre aparecia quando pensava em produzir arte. Questões relacionadas à experiência cotidiana como professora de arte e como educadora de um museu, além de ressonâncias de diversos trabalhos anteriores

¹ Concomitantemente ao trabalho de professora de Artes, trabalhei como mediadora cultural em um instituto cultural na mesma cidade, no período de 2012 à 2014.

² “Arte como plataforma para pensar”. Expressão utilizada por Luciana Loponte a partir de frase de Nestor Garcia Canclini (2012).

que orbitavam na interface entre arte e educação (produção artística, mediação de exposições e criação e implementação de programas educativos) sempre tornavam-se o motivo das minhas produções. A arte, como expressão de uma cultura, em uma postura investigativa e analítica, precisa de certa liberdade e dinâmica constante de revisão de ideias, conceitos e percepções. Foi a maneira que encontrei para problematizar situações que instigavam meu pensamento e que encontravam terreno fértil para novas possibilidades de pensar na arte.

A arte não é bonita só por fora

“Como fenômeno estético a existência ainda nos é *suportável*, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para *poder* fazer de nós mesmos um tal fenômeno” (NIETZSCHE, 2012, p.124).

Esse trecho do aforismo 107 de A Gaia Ciência, me coloca a pensar sobre a necessidade de produção de novas estéticas cotidianas a partir da arte. Em meio a um cenário em que educação brasileira, em especial a educação pública, enfrenta inúmeras dificuldades que dizem respeito a questões econômicas, culturais e sociais, é preciso olhar de outra forma para essa realidade, e encontrei na arte, um modo de produzir novos fôlegos para as questões vividas na escola.

Imagens da instalação “ponto de vista”, 2013.



Fonte: Arquivo pessoal.

Acredito que um pouco dessa vontade de ver a escola através do pensamento artístico decorre da importância de pensar a educação para além dos limites pedagógicos, pensando na arte, não como apenas uma disciplina no currículo escolar, mas como um modo de pensar. Me

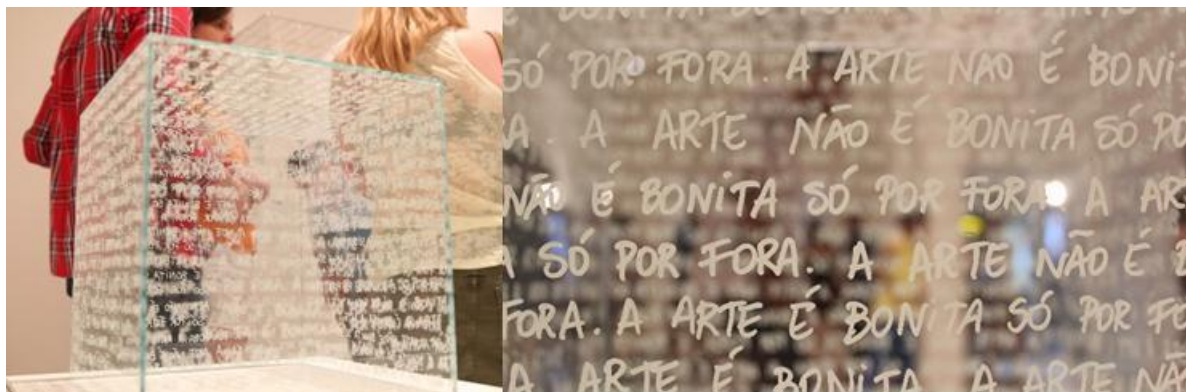
inspiro nos estudos do artista uruguaio Luis Camnitzer, ao defender a integração completa entre arte e educação:

[...] a arte não é uma disciplina criada para fabricar objetos ou uma artesanaria, mas um meio para organizar e expandir o conhecimento. Ainda mais, é o meio que permite especular sobre conexões que são consideradas inaceitáveis, ilegais, ou inconcebíveis em outras metodologias que também tratam com o conhecimento. [...] A arte é uma forma de questionar os sistemas de ordem estabelecidos, e de construir ordens alternativas (CAMNITZER, 2016, p. 5, tradução minha).

A prática artística me permitiu problematizar de maneira significativa as situações vivenciadas na escola e a impulsionar meu caminho como pesquisadora. Eu nunca havia realmente parado para pensar nessa necessidade de ter escolhido a arte como modo de investigação, apenas sentia que a arte ajudava minhas ideias a ganharem fôlego; um respiro; uma brecha que me ajudava a lidar com os desafios da profissão de professora.

Posteriores à prática artística, os estudos de Foucault e Nietzsche me ajudaram a entender muitos interesses que andavam me acompanhando, mas que não sabia identificar ou nomear. Ao pensar que que “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 2007, p.12), comecei a me questionar sobre as possibilidades de se produzir novas verdades, produzir outras estéticas cotidianas sobre/com a escola, “que insiste em permanecer a mesma” (LOPONTE, 2005, p.15).

Imagens do trabalho “A arte não é bonita só por fora”, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

Uma criança de dez anos utilizou a frase que dá nome ao trabalho acima para me explicar o porquê de estar fotografando a arte exposta no museu e não a rua, por exemplo. Ao refletir sobre as verdades sobre arte presentes na frase dessa criança, penso também na necessidade de aproximar o “universo artístico” da escola, de desmistificar a ideia de que arte

é algo distante da vida. É como se o pensar sobre a vida e a própria vida fossem duas coisas separadas, conforme nos explica Carlos Skliar:

Por várias razões a linguagem da experiência educativa tem sido desvalorizada, ou talvez ignorada, ou subestimada pelos saberes e poderes pedagógicos habituais. Talvez porque eles mesmos provocaram uma fratura desnecessária, artificial e desmedida entre o vivido e o pensado, sob a forma estranha de uma indesejável fratura entre teoria e prática. Assim se foi naturalizando essa indigna tendência de conceituar que o “vivido” só está na escola – é propriedade da escola, é “sua” prática – e que o pensado corresponde à ordem excludente do acadêmico – está na academia, é “sua” teoria (SKLIAR, 2011, p. 127, tradução minha).

Como professora de Arte, semanalmente, eu tinha cerca de 50 minutos (às vezes em dois períodos conjugados) para ajudar meus alunos a ampliarem sua compreensão estética através do conhecimento artístico. O desafio era ajudá-los a desconstruírem ideias baseadas no “pensamento em rebanho” e a ideia de que existem verdades absolutas, para que se tornem pessoas que criem sua própria história. Acredito que a força criadora da arte é essencial nesse processo.

No trabalho apresentado nas imagens acima utilizei um cubo de vidro (normalmente utilizado em exposições para proteger um objeto) para escrever a frase do aluno, trocando em alguns momentos a ordem das palavras. A transparência ainda existe nesse objeto de vidro, mas, ao mesmo tempo é atravessada pelas sombras das palavras que materializam-se como conteúdo do cubo e, ao mesmo tempo, projetam-se para além dos seus limites. Por mais que seja um objeto, o que almeja é que o pensamento não fique restrito ao cubo, à caixa. Invocando novamente as considerações sobre a aproximação entre arte e educação feitas por Camnitzer, proponho pensar a arte para além do objeto artístico:

Creio que é mais útil considerar esse objeto que nos apresentam como artístico nada mais do que como uma possível solução a um problema. Com isto liberamos a arte de suas fronteiras físicas para entender melhor como funciona com a educação. E teremos como outro benefício que já não nos importará se gostamos desse objeto ou não (CAMNITZER, 2016, p. 6, tradução minha).

O tempo passa voando quando não estamos na escola

No contexto atual da educação pública brasileira, quase sempre, o professor de escola pública é provocado (pra não dizer obrigado) a buscar novas formas de agir frente aos

desafios cotidianos. Em meio a essa necessidade, muitas vezes falta tempo para ir além das obrigações primeiras (conteúdos a cumprir, burocracias de registros, tabelas de horários, etc), tornando difícil pensar em novas possibilidades. No fim, fica difícil tirar as vontades de mudança do papel.

Em meu trabalho como professora e pesquisadora preciso estar atenta para ouvir esses ruídos da escola, entender de onde vem e de que modo eles se manifestam. Ao mesmo tempo percebo a necessidade de uma certa distância, um outro olhar sobre esse cotidiano de trabalho do educador. Segundo Veyne, “pensamos normalmente por clichês, por generalidades, e é por isso que os discursos permanecem “inconscientes” para nós, escapam ao nosso olhar” (2011, p. 24). Assim, ao buscar a distância necessária para ir além das aparências, descobri no trabalho de mediadora cultural uma brecha para prestar atenção nos discursos sobre a escola, mais precisamente à fala dos alunos sobre a escola e a aprendizagem de arte.

Ao conciliar o trabalho de professora de escola, com o de mediadora em uma instituição cultural, comecei a notar como o “tempo” dessas duas instituições educativas era diferente. Enquanto na escola era tudo muito corrido, ansioso, cronometrado; no museu trabalhávamos sempre em duplas, e tínhamos cerca de três horas com cada turma para realizar a mediação no espaço expositivo e uma oficina prática. Não quero dizer com isso que na escola eu ignorava o que os alunos falavam, mas como mediadora cultural e com o apoio de outra colega, eu podia prestar maior atenção ao que estava acontecendo nos momentos em que ficava como apoio das atividades. Assim, comecei a anotar frases ditas pelos alunos que faziam emergir certos ruídos do processo educativo. A maioria delas, cada uma ao seu modo, falava sobre como era bom estar fora da escola.

Imagens da instalação “O tempo passa voando quando saímos da escola”, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

A frase que dá nome à imagem acima foi dita por um aluno do 7º ano quando estava participando de uma oficina no instituto cultural , pouco antes do horário de voltar para a escola. Com a cabeça baixa ele finalizava um desenho que estava sendo construído em um ambiente bem diferente da escola: sala ampla, mesas grandes, acesso a diferentes materiais e a orientação de duas educadoras culturais. Analisando esse contexto percebo o quanto sobre a escola podemos conhecer nessa frase. Que condições permitiram que se essa verdade se estabelecesse para esse aluno? Seria seu processo criativo uma forma de lidar com a sua realidade?

Viviane Mosé, em estudo sobre Nietzsche e a política da linguagem, analisa o conceito de arte como necessidade humana, vinculando-a ao pensamento, à vida:

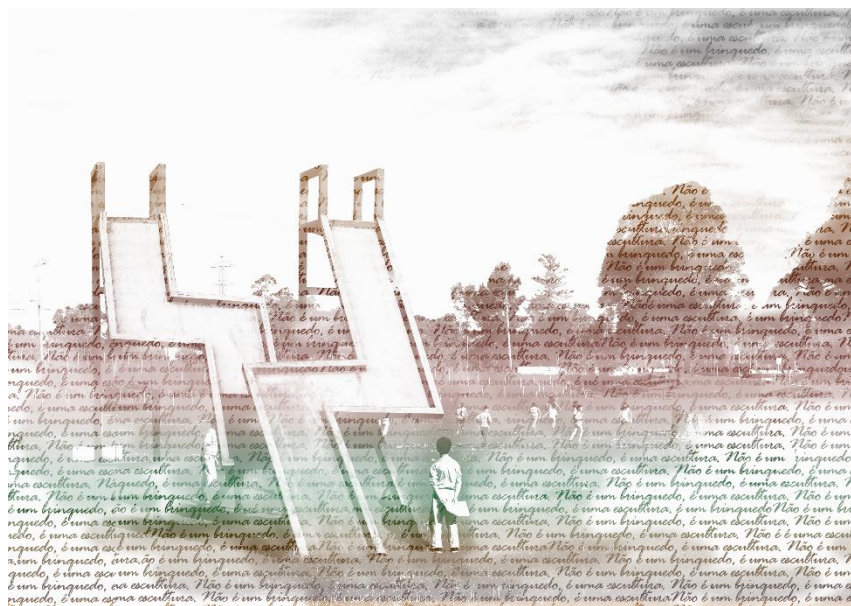
A ilusão e não a verdade é a condição de sobrevivência do homem [...]. A arte é condição de existência do intelecto. Esta arte, no entanto, a que Nietzsche se refere insistentemente naquela época, não é a arte dos artistas, a arte como instituição e como obra, mas uma atividade propriamente criadora, uma força artística presente não somente no homem, mas em todas as coisas (2005, p. 79).

Nesse movimento presente na necessidade da arte, a instalação criada a partir dessas reflexões brinca com algumas formas físicas tradicionais da escola (cadeiras, classes, quadro negro) ao mesmo tempo em que dialoga com o peso, transparência e leveza de alguns materiais (tule, acrílico, tela de arame) . É possível transcender as tantas barreiras encontradas na escola? É possível o tempo passar voando na aula de Arte? E na escola? Quando isso acontece?

Ao prestar atenção à essas falas dos alunos, percebi que muitas delas estavam conectadas com o meu sentimento de frustração em alguns momentos, ou seja, ambos tínhamos a necessidade de repensar a escola como espaço de vida, como afirma Maria Luisa Xavier: “A escola precisa ser vista como um espaço para aprender e aprender a viver. É necessário redescobrir o vínculo entre a sala de aula e a vida fora da escola para a qualificação de ambas” (2010, p. 95).

Não é um brinquedo, é uma escultura!

Imagem do trabalho “Não é um brinquedo, é uma escultura”, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

No final da visita de uma turma de escola pública ao instituto cultural o grupo de crianças avistou uma escultura do artista Félix Bressan no gramado em frente ao Instituto, e perguntou se poderia vê-lo de perto. Como educadora cultural, mal terminei a palavra sim e as crianças começaram a correr na direção da escultura. Apenas alguns alunos ficaram ouvindo eu falar sobre o trabalho do artista. Em seguida, um dos alunos que tinha ficado para me escutar, saiu correndo atrás dos colegas (que já estavam prontos para tentar subir na obra) e gritou: - *Não é um brinquedo, é uma escultura!* Sem dar ouvidos ao colega, a turma continuou correndo pela grama, enquanto o menino ficou parado observando atentamente o trabalho de Félix.

O trabalho criado a partir da frase joga com suas palavras, mudando o sentido da frase e questionando os lugares aos quais ela se aplica. Impresso em vinil transparente e pendurado durante a exposição, o trabalho dialoga com a silhueta do expectador, insinuando relações com a sua infância e sua relação com a arte, com as verdades sobre arte.

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas, e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só

entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 2014, p.66).

Ao compreender as verdades como construções humanas inseridas em determinado espaço, tempo e cultura, percebo a importância da arte como disparadora de novos modos de pensar o cotidiano. Minhas vontades de criação me ajudaram a movimentar novos questionamentos: Como a arte, esse campo ficcional, pode nos ajudar a pensar sobre o rotineiro de outra forma? Como perceber a escola a partir desse posicionamento? Eu estava abrindo portas de meu pensamento que iriam me permitir repensar minhas escolhas, minhas concepções sobre o que é conhecimento, pesquisa, educação e arte.

Fotografia do trabalho em exposição.



Fonte: Arquivo pessoal.

Afinal, professora, artista, pesquisadora?

Na abertura da exposição onde os trabalhos apresentados aqui foram expostos, realizei uma performance com alunas de uma escola de dança da cidade. Criada em diálogo com as alunas, ela propõe a relação de uma pessoa leiga com a dança contemporânea, através da interação com estudantes de dança. A performance também tensiona a relação entre essas duas linguagens artísticas (artes visuais e dança), na interação com a forma física, com o produto e o evento na área das artes visuais: a vernissage.

A porta de vidro da galeria, trouxe a transparência novamente para o meu trabalho, bem como evidenciou uma fina película que se apresenta entre o artista e o espectador. Uma película que pode ser relacionada aos discursos presentes nas relações entre o artista, a obra, o professor e o público. Ou ainda, nas relações entre a professora de escola, a artista e a

pesquisadora em educação. Uma película, tal como a margem, que delimita ou expande; tal como os aquários em que escolhemos nossas verdades.

Fotografia da performance realizada na abertura de exposição
“*Esteticamente Promíscuo*”, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

Hoje, ao adotar uma perspectiva foucaultiana, me posiciono como um “sujeito descentrado” (FISCHER, 2001), que se constrói justamente na transparência das fronteiras do ser professora, do ser artista, do ser pesquisadora. Dessa maneira, considero importante explorar as transparências entre as fronteiras dos caminhos da arte que escolhi e que me levaram a querer criar um novo modo de perceber e pesquisar a escola, me colocando nesse atual espaço de um discurso híbrido, “um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade” (FOUCAULT, 2015 p.66).

Encontrei na arte uma forma de problematizar as questões que acompanhavam meu cotidiano na escola, relacionando-me com o conceito de artista como impulso fundamental do homem, que, segundo Nietzsche:

[...] procura um novo território para a sua atuação e um outro leito de rio, e o encontra no *mito* e, em geral, na *arte*. Constantemente ele embaralha as rubricas e compartimentos dos conceitos, propondo novas transposições, metáforas, metonímias, constantemente ele mostra o desejo de dar ao mundo de que dispõe o homem acordado uma forma tão cromaticamente irregular, inconsequentemente incoerente, estimulante e eternamente nova como a do mundo do sonho (2014, p. 68).

Nessa subversão de barreiras da atuação como professora&artista&pesquisadora, continuo a buscar novas articulações na relação entre arte e educação, acreditando e

defendendo a escola para além dos discursos que a negativizam, em uma postura que valoriza novos olhares e novas interpretações sobre o cotidiano escolar, conforme afirma Wortmann (2010, p. 115): “[...] ao deixar-se hibridar, e constantemente contaminar na busca de novos campos parceiros, entende-se que o pedagógico poderia, então, ampliar o escopo das suas possibilidades interpretativas”.

Assumindo essa postura acredito estar amadurecendo como docente e pesquisadora. Nesse percurso, várias janelas vão sendo abertas, permitindo relacionar a educação com vários modos de pensar o sujeito, o conhecimento, a aprendizagem e a cultura.

Considerações finais

Nesse contexto de urgências de uma escola desacreditada pela sociedade, nunca pensei na minha prática artística como “salvação para agüentar a escola”. Pelo contrário. Esse “afastamento” inicial foi necessário para enxergar as possibilidades que surgiam ao pensar a educação através da arte.

A criação artística foi a maneira que encontrei para questionar as minhas verdades e as verdades encontradas na escola. São acasos que ganham força e a beleza da pesquisa em educação reside no fato de poder aprender justamente na desconstrução desses processos.

Os projetos artísticos problematizados nesse artigo apresentaram a experiência de levar a educação para a esfera artística no intuito de tornar visíveis situações que faziam o processo educativo ganhar força. Segundo Deleuze “é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades. E a visibilidade de uma época é o regime de luz e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas” (2013, p.124). Essa luz é para mim, a vontade de transcender a arte como disciplina, de assumir uma postura artística diante da vida, de produzir novas estéticas cotidianas na escola.

A partir dessa experiência não pretendo ignorar a necessidade de fazer arte, mas sim aproximar ainda mais meu processo artístico da escola, desvanecendo as fronteiras entre a arte, a educação e a vida e utilizando a arte como forma de problematizar inquietações que emergem do cotidiano escolar.

Referências

CAMNITZER, Luis. Arte y Pedagogia. Esferapública, maio. 2015. Disponível em: <<http://esferapublica.org/nfblog/arte-y-pedagogia/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

DELEUZE, Gilles. Conversações; tradução de Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 114, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 23ª ed. São Paulo: Graal, 2007.

_____. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. A Arqueologia do saber; tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência artista : arte, estética de si e subjetividades femininas. 2005. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/6346>>. Acesso em: 16 maio 2016.

MOSÉ, Viviane. A palavra como verdade. In: _____. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005. p. 70-86.

NIETZSCHE, Friederich. Obras incompletas; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. A gaia ciência; tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SKLIAR, Carlos. Ensayar. In: _____. *Lo dicho, lo escrito, lo ignorado. Ensayos mínimos, entre educación, filosofía y literatura*. Buenos Aires: Miño Y Dávila, 2011, p. 121-129.

TRAVERSINI, Clarice Salete. O desencaixe como forma de existência da escola contemporânea. Apresentado na mesa-redonda “Desencaixes da escola contemporânea: desafio a superar?”. 4º SBECE- 1º SIECE, 23-25/05/2011. Canoas: ULBRA, 2011, 12p.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. 2ª Ed. Porto Alegre, Ed. UFRGS. 2004.

VEYNE, Paul. Tudo é singular na história universal: o “discurso”; Só há a priori histórico; O ceticismo de Foucault. In: _____. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Pedagogia, cultura e mídia: algumas tendências, estudos e perspectivas. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara. Tatiana. (Org.). *Pedagogias sem fronteiras*. Canoas, RS: ULBRA, 2010, p. 105-122.

XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. Escola contemporânea: o desafio do enfrentamento de novos papéis, funções e compromissos. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara. Tatiana. (Org.). *Pedagogias sem fronteiras*. Canoas, RS: ULBRA, 2010, p. 93-104.